

Sete Cantos de Giacomo Leopardi (1798-1837)

- I) *À Itália*
- II) *Último Canto de Safo*
- III) *O Primeiro Amor*
- IV) *O Pardal Solitário*
- V) *O Infinito*
- VI) *A Sílvia*
- VII) *Canto Noturno de um Pastor Errante da Ásia*

Ao adotar a canção, já no início do movimento romântico, como forma retórica mais elevada da poesia italiana, Leopardi retornou aos primórdios nobiliárquicos da literatura poética de seu país, ou seja, ao século XIV, tempos de Dante e Petrarca. Mas o fez modificando sua estrutura métrica, ampliando o uso de hipérbatos e a utilização de vocábulos antigos ou empregados quase exclusivamente na alta literatura. Por consequência, sua sintaxe é complexa e original, mas o resultado, apesar ou justamente por esse motivo, é de grande beleza expressiva.

Como já foi exhaustivamente dito, os sentimentos e as reflexões do poeta convergem quase sempre para o fato de ser trágica a vida humana, algo que os gregos, desde o início das literaturas poética e dramática, já haviam percebido e tentado, pela representação, mitigá-la. Mas não deixou de criticar a decadência sociopolítica da península e defender a ideia de retomada da grandeza da arte italiana, tanto quanto a unificação do país, algo que só viria a acontecer muitas décadas depois de sua morte. NC

A edição original: Canti, a cura di Giovanni Ferreti, N. Zanichelli Editore, Bologna, 1945.

À Itália

Ó pátria minha, vejo os muros e arcos
E as colunas e os simulacros e as hermas,
Torres das aves nossas,
Mas a glória não vejo,
Não vejo os louros e o ferro que eram marcos
De nossos pais antigos. Agora, estando inerme,
Nua a fronte e nu o peito mostras.
Ai de mim, de quantas feridas sei,
Que lividez, que sangue! assim te vejo
Formosíssima dama! Rogo ao céu
E ao mundo: dizei, dizei;
Quem a reduz a tal? Pior o pejo,
Pois correntes carregas em cada braço
E assim se repartem os cabelos e, sem véu,
Senta-se na terra descuidada, desconsolada,
A esconder o rosto baço
Entre os joelhos, e chora.
Chora, que bem há, Itália de minha fatalidade,
Gente nascida para vencer
Na sorte fausta e na adversidade.
Se fossem os teus olhos duas fontes vivas,
Jamais poderia o pranto
Ajustar-se ao dano e à vergonha.
Foste senhora, agora sei que és pobre ancila.
Quem de ti fala ou escreve,
Relembrando teu passado de glória e encanto,
Não diz: grande já foi, ora é favila.
Por que, por quê? Onde está a força antiga?
Onde as armas, o valor e a constância?
Quem te descinge a espada?
Quem te trai? Que arte ou fadiga,
Ou que potência, com exuberância,
Despojou-te o manto e o áureo estandarte?
Como caíste ou quando arrancada
De tanta altura a lugar tão baixo?
Ninguém luta por ti?
Nenhum dos teus é teu baluarte?
Às armas, aqui as armas: eu apenas
Combaterei e, só, cairei exangue.
Concede-me, ó céu, que seja fogo

Aos brios itálicos o meu sangue.
Onde estão os teus filhos? Ouço som de armas,
E de carros, de vozes e de timbales.
Em regiões estranhas
Lutam os teus filhos.¹
Observa, Itália, observa: eu vejo, ouço alarmas,
Um flutuar de soldados e de cavalos,
De fumaça e de pó, e luzir de espadas,
Como relâmpagos entre neblinas.
E não te confortas? E os tremembundos lumes
A se dobrar, não sofres por duvidoso evento?
Pelo que luta naqueles campos e colinas
A ítala juventude? Ó numes, ó numes:
Lutam por outra terra os ítalos aços.
Ó, miserável aquele que na guerra se apaga,
Não pelas terras pátrias ou pela pia
Consorte e os filhos caros,
Mas por outros inimigos,
Por outra gente, sem poder dizer:
- Alma da terra nascida,
A vida que me deste, eis que a ti volto a ceder.
Ó venturosa, cara e bendita
Antiga idade, em que à morte
Pela pátria acorriam as gentes;
E vós sempre honrados e gloriosos
Estreitos que a Tessália delimita,
Onde a Pérsia e o fado bem menos forte
Foi de poucos espíritos livres e generosos!
Creio que as plantas, as pedras e a onda
E as montanhas vossas aos passantes
Narrem com voz indistinta,
Como toda aquela margem sob ronda
Cobriu as fileiras invictas
De corpos que à Grécia eram devotos.
Então, vil e feroz,
Xerxes pelo Helesponto fugia,
Zombando dos pósteros mais remotos.
E sobre a colina de Antela, onde morrendo
Queria a multidão sagrada subtrair-se à morte,
Simônides subia,
Mirando o céu, a marina e o solo.

¹ Os soldados italianos que acompanharam Napoleão na campanha da Rússia.

E com lágrimas que a face irriga
O peito ofegante, e vacilante os pés,
Toma nas mãos a lira:
- Beatíssimos vós,
Que oferecestes o peito à lança inimiga
Por amor daquela que vos deu ao sol;
Vós, que a Grécia obsequia e o mundo admira.
Nas armas, perigos e sarilhos,
Que tanto amor em novíssimas mentes
Vos arrastou ao acerbo fado?
Como tão leda, ó filhos,
Vos parece a ora extrema, pois que sorridentes
Correstes ao passo lacrimoso e duro.
Parece que à dança e não à morte andasse
Cada um de vós, ou a esplêndido festim.
Mas vos esperava o escuro
Tártaro e a onda morta.
Nem esposas ou filhos estiveram ao lado, entanto,
Quando sobre a áspera praia, enfim,
Sem beijos morrestes e sem pranto.
Mas não sem aos Persas dar hórrida pena
E imortal angústia.
Como leão em meio à manada
Ora salta-lhe sobre o dorso e se lhe escava
Com as garras a espinha plena,
Ora este lado aferra ou aquela coxa
Assim entre a turba persa enfuriava
A ira dos corações gregos e a virtude.
Veem-se cavalos supinos e cavaleiros;
Vê-se estorvar os vencidos,
A fuga, e as tendas caídas em alude
E a correr entre os primeiros
Pálido e descabelado esse tirano;
Vê como infusos e tingidos
Do bárbaro sangue os heróis gregos
Causam aos persas infinito dano.
Pouco a pouco vencido pelas feridas
Um sobre outro cai. Viva o vencer:
Beatíssimos vós,
Enquanto no mundo se falar e escrever.
Antes arrancadas e ao mar precipitando,
Apagadas no imo, guinchem as estrelas,
Do que a memória e o vosso

Amor transcorra ou se enfraqueça.
Vosso túmulo é um altar; e aqui apontam
As mães às crianças os belos
Vestígios de vosso sangue. Eis que me prosto,
Ó benditos, ao solo,
E beijo essas pedras e torrões,
Que sejam louvados e iluminados eternamente,
De um a outro polo.
Oxalá estivesse eu convosco nas inumações
E tenra fosse com meu sangue esta alma terra.
Pois se o fado é diverso e não consente
Que eu pela Grécia os moribundos lumes
Ponha fim, prostrado em guerra,
Desse modo, a acanhada
Fama de vosso poeta face ao futuro
Possa, querendo os numes,
Durar como a vossa, se assim me aventuro.

ALL'ITALIA

*O patria mia, vedo le mura e gli archi
e le colonne e i simulacri e l'orme
torri degli avi nostri,
ma la gloria non vedo,
non vedo il lauro e il ferro ond'eran carichi
i nostri padri antichi. Or fatta inerme,
nuda la fronte e nudo il petto mostri.
Oimè! quante ferite,
che lividor, che sangue! oh, qual ti veggio,
formosissima donna! lo chiedo al cielo
e al mondo: — Dite, dite;
chi la ridusse a tale? — E questo è peggio,
che di catene ha carche ambe le braccia;
sí che sparte le chiome e senza velo
siede in terra negletta e sconsolata,
nascondendo la faccia
tra le ginocchia, e piange.
— Piangi, ché ben hai donde, Italia mia,
le genti a vincer nata
e nella fausta sorte e nella ria.
Se fosser gli occhi tuoi due fonti vive,
mai non potrebbe il pianto
adeguarsi al tuo danno ed allo scorno;
ché fosti donna, or sei povera ancella.
Chi di te parla o scrive,
che, rimembrando il tuo passato vanto,
non dica: — Già fu grande, or non è quella? —
Perché, perché? Dov'è la forza antica?
dove l'armi e il valore e la costanza?
Chi ti discinse il brando?*

chi ti tradí? Qual arte o qual fatica
o qual tanta possanza
valse a spogliarti il manto e l'auree bende?
Come cadesti o quando
da tanta altezza in cosí basso loco?
Nessun pugna per te? non ti difende
nessun de' tuoi? L'armi, qua l'armi: io solo
combatterò, procomberò sol io.
Dammi, o ciel, che sia foco
agl'italici petti il sangue mio.

Dove sono i tuoi figli? Odo suon d'armi
e di carri e di voci e di timballi:
in estranie contrade
pugnano i tuoi figliuoli.
Attendi. Italia, attendi. Io veggio, o parmi,
un fluttuar di fanti e di cavalli,
e fumo e polve, e luccicar di spade
come tra nebbia lampi.
Né ti conforti? e i tremebondi lumi
piegar non soffri al dubitoso evento?
A che pugna in quei campi
l'itala gioventude? O numi, o numi!
pugnan per altra terra itali acciari.
Oh misero colui che in guerra è spento,
non per li patrii lidi e per la pia
consorte e i figli cari,
ma da nemici altrui,
per altra gente, e non può dir morendo:
— Alma terra natia,
la vita che mi desti ecco ti rendo. —

Oh venturose e care e benedette
l'antiche età, che a morte
per la patria correat le genti a squadre,
e voi sempre onorate e gloriose,
o tessaliche strette,
dove la Persia e il fato assai men forte
fu di poch'alme franche e generose!
lo credo che le piante e i sassi e l'onda
e le montagne vostre al passeggiere
con indistinta voce
narrin siccome tutta quella sponda
coprîr le invitte schiere
de' corpi ch'alla Grecia eran devoti.
Allor, vile e feroce,
Serse per l'Ellesponto si fuggia,
fatto ludibrio agli ultimi nepoti;
e sul colle d'Antela, ove morendo
si sottrasse da morte il santo stuolo,
Simonide salía,
guardando l'etra e la marina e il suolo.
E di lacrime sparso ambe le guance,
e il petto ansante, e vacillante il piede,
toglieasi in man la lira:
— Beatissimi voi,
ch'offriste il petto alle nemiche lance

*per amor di costei ch'al sol vi diede;
voi, che la Grecia cole e il mondo ammira.
Nell'armi e ne' perigli
qual tanto amor le giovanette menti,
qual nell'acerbo fato amor vi trasse?
Come sí lieta, o figli,
l'ora estrema vi parve, onde ridenti
correste al passo lacrimoso e duro?
Parea ch'a danza e non a morte andasse
ciascun de' vostri, o a splendido convito:
ma v'attendea lo scuro
Tartaro, e l'onda morta;
né le spose vi fôro o i figli accanto,
quando su l'aspro lito
senza baci moriste e senza pianto.*

*Ma non senza de' Persi orrida pena
ed immortale angoscia.
Come lion di tori entro una mandra
or salta a quello in tergo e sí gli scava
con le zanne la schiena,
or questo fianco addenta or quella coscia;
tal fra le perse torme infuriava
l'ira de' greci petti e la virtute.
Ve' cavalli supini e cavalieri;
vedi intralciare ai vinti
la fuga i carri e le tende cadute,
e correr fra' primieri
pallido e scapigliato esso tiranno;
ve' come infusi e tinti
del barbarico sangue i greci eroi,
cagione ai Persi d'infinito affanno,
a poco a poco vinti dalle piaghe,
l'un sopra l'altro cade. Oh viva! oh viva!
beatissimi voi
mentre nel mondo si favelli o scriva.*

*Prima divelte, in mar precipitando,
spente nell'imo strideran le stelle,
che la memoria e il vostro
amor trascorra o scemi.
La vostra tomba è un'ara; e qua mostrando
verran le madri ai parvoli le belle
orme del vostro sangue. Ecco, io mi prostro,
o benedetti, al suolo,
e bacio questi sassi e queste zolle,
che fien lodate e chiare eternamente
dall'uno all'altro polo.
Deh! foss'io pur con voi qui sotto, e molle
fosse del sangue mio quest'alma terra.
Ché, se il fato è diverso, e non consente
ch'io per la Grecia i moribondi lumi
chiuda prostrato in guerra,
cosí la vereconda
fama del vostro vate appo i futuri
possa, volendo i numi,
tanto durar quanto la vostra duri.*

Último Canto de Safo

Diz Leopardi (*Annotazioni alle dieci canzoni*, Nuovo Ricoglitore, 1825): “Uma, intitulada Último Canto de Safo, pretende representar a infelicidade de uma alma delicada, tenra, sensível, nobre e fervorosa, posta num corpo feio e jovem: assunto difícil, do qual não me recordo que um autor famoso, nem entre os antigos nem entre os modernos, tenha ousado tratá-lo, exceto apenas a senhora de Staël, que o trata numa carta no princípio da *Delfina*, mas de modo bem outro”.

Plácida noite e verecundo raio
Da lua cadente; e tu que despontas
Entre a tácita selva e sobre a rocha,²
Núncio do dia; ó diletas e caras,
Enquanto ignotas me forem as Erínias e o fado,
Aparências aos olhos meus; já não favorece
O doce espetáculo aos desesperados afetos.
Que nosso insólito gáudio então reviva
Quando o céu líquido se torna
E pelos campos trepidantes a onda
Pulverulenta do Noto, e quando o carro,
Grave carro de Júpiter sobre nós,
Troando, o ar escuro divide.
Que a nós, pelas fragas e vales profundos,
Agrada vagar entre nuvens cinzentas
E a grande fuga dos rebanhos atônitos
Ou do elevado rio a duvidosa margem
O som e a ira vencedora da onda.

Belo é o teu manto, ó divo céu, e
Bela és tu, úmida terra. Mas desta
Infinita beleza parte alguma
À mísera Safo os numes e a sorte
Ímpia ofereceram. Aos teus soberbos reinos
Ó Natureza, vil e grave hóspede destinada,
E desprezada amante, às graciosas
Formas tuas, o coração e os olhos, inutilmente
Suplicantes vão. Para mim não riem
As margens livres ao sol, e da etérea porta
O matutino alvor; não para mim é o canto

² Rocha escarpada de Leucade sobre o mar, de onde Safo teria se jogado para morrer.

Dos pássaros coloridos, nem das faias
O sussurro saudante; e onde, à sombra
Do inclinado salgueiro, estende
O cândido riacho o seio puro
Das águas flexuosas ao meu lúbrico pé
E com desdém subtrai
E comprime em fuga as odoríferas praias.

Seria como se uma falha, um nefando excesso
Manchasse-me antes de nascer, e iracundo
Fosse-me então o céu de fortuna e rosto?
Em que pecaste, menina, quando ignara
De delitos é a vida, e depois, já carente
De juventude e, já desflorada, o fuso
Da indômita Parca, volvesse
O férreo estame? Incautas vozes,
Expandi os teus lábios: os destinados eventos
Movem conselhos arcanos. O segredo é tudo,
Salvo a nossa dor. Abandonada prole,
Nascemos para o pranto, e no regaço
Dos celestes a razão descansa. Ó cuidados, ó esperanças
Dos mais verdes anos! Nas aparências, o Pai
Deu eterno e ameno reino às gentes. E por empresa viril,
Por douta lira ou canto
A virtude não reluz em desadornado manto.

Morreremos. O indigno véu na terra estendido
Evitará o despido ânimo a Dite.³
E a crua falha corrigirá o cego
Dispensador de eventos. E tu, a quem por tempos
O amor baldo e a longa fé, em vão
De implacável desejo e furor me constringe,
Vive feliz, se feliz na terra
Vive um mortal nascido. Para mim, Júpiter
Não asperge o suave licor do dólio,
Após perecerem os enganos e o sonho
Da minha meninice. Cada dia feliz
De nossa idade alça voo.
Em seu lugar, a doença, a velhice e a sombra
Da gélida morte. Eis que de tantas
Esperadas recompensas e erros diletos,

³ Divindade latina do mundo subterrâneo, incluindo-se os mortos e a riqueza da terra.

Resta o Tártaro; e o destemido engenho
Tem a Diva infernal,
A tenebrosa noite e a margem silente.

ULTIMO CANTO DI SAFFO

*Placida notte, e verecondo raggio
Della cadente luna; e tu che spunti
Fra la tacita selva in su la rupe,
Nunzio del giorno; oh dilette e care
Mentre ignote mi fur l'erinni e il fato,
Sembianze agli occhi miei; già non arride
Spettacol molle ai disperati affetti.
Noi l'insueto allor gaudio ravniva
Quando per l'etra liquido si volve
E per li campi trepidanti il flutto
Polveroso de' Noti, e quando il carro,
Grave carro di Giove a noi sul capo,
Tonando, il tenebroso aere divide.
Noi per le balze e le profonde valli
Natar giova tra' nemi, e noi la vasta
Fuga de' greggi sbigottiti, o d'alto
Fiume alla dubbia sponda
Il suono e la vittrice ira dell'onda.*

*Bello il tuo manto, o divo cielo, e bela
Sei tu, rorida terra. Ahi di cotesta
Infinita beltà parte nessuna
Alla misera Saffo i numi e l'empia
Sorte non fenno. A' tuoi superbi regni
Vile, o natura, e grave ospite addetta,
E dispregiata amante, alle vezzose
Tue forme il core e le pupille invano
Supplichevole intendo. A me non ride
L'aprico margo, e dall'eterea porta
Il mattutino albor; me non il canto
De' colorati augelli, e non de' faggi
Il murmure saluta: e dove all'ombra
Degl'inchinati salici dispiega
Candido rivo il puro seno, al mio
Lubrico piè le flessuose linfe
Disdegnando sottragge,
E preme in fuga l'odorate spiagge.*

*Qual fallo mai, qual sì nefando eccesso
Macchiommi anzi il natale, onde sì torvo
Il ciel mi fosse e di fortuna il volto?
In che peccai bambina, allor che ignara
Di misfatto è la vita, onde poi scemo
Di giovanezza, e disfiurato, al fuso
Dell'indomita Parca si volvesse
Il ferrigno mio stame? Incaute você*

*Spande il tuo labbro: i destinati eventi
Move arcano consiglio. Arcano è tutto,
Fuor che il nostro dolor. Negletta prole
Nascemmo al pianto, e la ragione in grembo
De' celesti si posa. Oh cure, oh speme
De' più verd'anni! Alle sembianze il Padre,
Alle amene sembianze eterno regno
Diè nelle genti; e per virili imprese,
Per dotta lira o canto,
Virtù non luce in disadorno ammanto*

*Morremo. Il velo indegno a terra sparto
Rifuggirà l'ignudo animo a Dite,
E il crudo fallo emenderà del cieco
Dispensator de' casi. E tu cui lungo
Amore indarno, e lunga fede, e vano
D'implacato desio furor mi strinse,
Vivi felice, se felice in terra
Visse nato mortal. Me non asperse
Del soave licor del doglio avaro
Giove, poi che perir gl'inganni e il sogno
Della mia fanciullezza. Ogni più lieto
Giorno di nostra età primo s'invola.
Sottentra il morbo, e la vecchiezza, e l'ombra
Della gelida morte. Ecco di tante
Sperate palme e dilettoni errori,
Il Tartaro m'avanza; e il prode ingegno
Han la tenaria Diva,
E l'atra notte, e la silente riva.*

O Primeiro Amor

Volta-me à mente o dia em que a batalha
Do primeiro amor senti, e disse:
Ai de mim, se isto é amor, como trabalha!
Que o olhar sempre ao chão intente e fixe,
Eu olhava aquela para quem este cor
Pela primeira vez, com inocência, a passagem abrisse.

Ah, como mal me governaste, amor!
Por que contigo devia tão doce afeto
Causar tanto desejo, tanta dor?
E não um sereno, sincero e completo,
Antes pleno de trabalho e de lamento
Se ao cor me chegava o que era diletto?

Diz-me, terno cor, que abalo ou desalento,
Que angústia era a tua naquele pensar
Se havia tédio em todo contentamento?
Qual pensar houve que lisonjeiro
Te oferecia à noite, quando
Tudo quieto parecia no hemisfério:

E tu inquieto, feliz e miserando,
Me cansavas no leito, d'um e d'outro lado,
A toda hora fortemente palpitando.
E por isso triste, ansioso e afadigado
Os olhos fechava, sonolento, febricitante,
Pois partido e em delírio vinha o sono intervalado.

Como viva na treva, e aliciante,
Surgia a doce imagem, e de olhos reclusos
A contemplava sob a pálpebra tremulante.
Suavíssimos e difusos
Motos pelo corpo serpeavam, e em recamos
Na alma mil pensamentos confusos

E instáveis se dobravam, tal como entre os ramos
De antiga selva o zéfiro transcorrendo
Um longo murmurar arrasta entre os tramos.
Enquanto me calo e não contendo,
Que disseste, ó cor, para que se fosse à revelia

Aquela por quem estás penando e batendo?

Num coser não ainda findo me sentia
Na chama do amor, quando a brisa então
Que a soprava extinguiu sua energia.
Insone, jazia sem qualquer divagação,
E os cavalos que me trariam de novo o deserto
Batiam as patas no pátio da mansão.

E eu tímido, quieto e inexperto,
Para ver o balcão no escuro protendia;
O ouvido ávido e o olho em vão aberto.
A voz a ser escutada devia,
Inda que a última, daqueles lábios sair;
A voz que o céu me tolhia.

Quantas vezes o choro trivial veio afligir
O duvidoso ouvido, e gélido me tomou
E, na incerteza, o peito arfante a bulir!
Depois que finalmente me chegou
A voz querida ao íntimo coração,
De cavalos e rodas o rumor se intensificou.

Abandonado, encolhi-me então
A palpitar no leito, tendo os olhos fechados;
E suspirava, como se premido pela solidão.
Depois, encolhendo os joelhos trêmulos
Estupidamente, pelo calado aposento,
Dizia: que outros males lhes serão êmulos?

Amaríssimo então o recordar do momento
Que, apoderando-se do peito, me apertava
A toda voz, feição e pensamento.
E uma longa dor me vasculhava
Tal qual no vasto Olimpo quando chove
Melancolicamente e os campos lava.

Nem eu te conhecia, rapaz de nove
E nove sóis, neste chorar inato
Quando pela primeira vez me disseste: prove.
E ao desprezo de todo prazer, nem grato
Era-me o riso dos astros ou da aurora,
Quieta em silêncio, ou o verdecer do prado.

Mesmo de glória o amor me cala agora
No peito, cujo aquecer tanto queria,
Pois desde então só na beleza se ancora.
Nem os olhos aos notórios estudos eu volvia,
E eles me pareciam vãos no entender
Pois vão era todo desejo em que antes cria.

Como de mim tão desgarrado pude ser,
E tanto amor tolheu-me um outro amor.
Ah, quanta inanidade em nós pode haver.
Só meu coração me apraz e seu labor,
Num perene raciocinar sepulto,
Posta-se na guarda de minha dor.

E o olho, à terra inclinado ou consulto,
Evitando encontrar, fugidio e vago,
Um rosto gracioso ou torpe vulto:
Que a ilibada, cândida imago
Receava perturbar, já gravada ao peito,
Tal como as brisas perturbam a onda do lago.

E o não ter gozado sem defeito -
Arrependimento que a alma nos grava
E o prazer decorrido em veneno é refeito -
Pois o refugado ainda estimulava
A todo momento o colo, e o aperto duro
Da vergonha neste cor já não obrava.

Ao céu, a vós, almas gentis, eu juro
Que o desejo baixo não me entrou no peito,
Que arde de fogo incontaminado e puro.
Vive aquele chama, vive a estima grada,
E a bela imago inspira meu pensamento,
Da qual, se não celeste, outra desejada
Jamais houve e só com ela me contento.

Il Primo Amore

*Tornami a mente il dí che la battaglia
d'amor sentii la prima volta, e dissi:
— Oimè, se quest'è amor, com'ei travaglia! —
Che, gli occhi al suol tuttora intenti e fissi,*

*5io mirava colei ch'a questo core
primiera il varco ed innocente aprissi.*

*Ahi, come mal mi governasti, amore!
perché seco dovea sí dolce affetto
recar tanto desio, tanto dolore?*

*e non sereno, e non intero e schietto,
anzi pien di travaglio e di lamento
al cor mi discendea tanto diletto?*

*Dimmi, tenero core, or che spavento,
che angoscia era la tua fra quel pensiero
presso al qual t'era noia ogni contento?*

*quel pensier che nel dí, che lusinghiero
ti si offeriva nella notte, quando
tutto queto pareo nell'emisfero:*

*tu inquieto, e felice e miserando,
m'affaticavi in su le piume il fianco,
ad ogni or fortemente palpitando.*

*E dove io tristo ed affannato e stanco
gli occhi al sonno chiudea, come per febre
rotto e deliro, il sonno venía manco.*

*Oh, come viva in mezzo alle tenèbre
sorgea la dolce imago, e gli occhi chiusi
la contemplavan sotto alle palpèbre!*

*oh, come soavissimi diffusi
moti per l'ossa mi serpeano! oh, come
mille nell'alma instabili, confusi*

*pensieri si volgean! qual tra le chiome
d'antica selva zefiro scorrendo,
un lungo, incerto mormorar ne prome.*

*E mentre io taccio, e mentre io non contendo,
che dicevi, o mio cor, che si partía
quella per che penando ivi e battendo?*

*Il cuocer non piú tosto io mi sentía
della vampa d'amor, che il venticello
che l'aleggiava volossene via.*

*Senza sonno io giacea sul dí novello,
e i destrier, che dovean farmi deserto,
battean la zampa sotto al patrio ostello.*

*Ed io, timido e cheto ed inesperto,
ver' lo balcone al buio protendea
l'orecchio avido e l'occhio indarno aperto,
la voce ad ascoltar, se ne dovea
di quelle labbra uscir, ch'ultima fosse;
la voce ch'altro il cielo, ahi! mi togliea.*

*Quante volte plebea voce percosse
il dubitoso orecchio, e un gel mi prese,
e il core in forse a palpar si mosse!*

*E poi che finalmente mi discese
la cara voce al core, e de' cavai
e delle rote il romorio s'intese;*

*orbo rimaso allor, mi rannicchiai
palpitando nel letto e, chiusi gli occhi,
strinsi il cor con la mano, e sospirai.*

Poscia traendo i tremuli ginocchi

*stupidamente per la muta stanza,
— Ch'altro sarà — dicea — che il cor mi tocchi?*

*Amarissima allor la ricordanza
locómmisi nel petto, e mi serrava
ad ogni voce il core, a ogni sembianza.*

*E lunga doglia il sen mi ricercava,
com'è quando a distesa Olimpo piove
malinconicamente e i campi lava.*

*Ned io ti conosceva, garzon di nove
e nove soli, in questo a pianger nato,
quando facevi, Amor, le prime prove;
quando in ispregio ogni piacer, né grato
m'era degli astri il riso, o dell'aurora
queta il silenzio, o il verdeggiar del prato.*

*Anche di gloria amor taceami allora
nel petto, cui scaldar tanto solea,
ché di beltade amor vi fea dimora.*

*Né gli occhi ai noti studi io rivolgea,
e quelli m'apparian vani, per cui
vano ogni altro desir creduto avea.*

*Deh! come mai da me sí vario fui,
e tanto amor mi tolse un altro amore?
Deh, quanto, in veritá, vani siam nui!*

*Solo il mio cor piaceami, e col mio core
in un perenne ragionar sepolto,
alla guardia seder del mio dolore.*

*E l'occhio, a terra chino o in sé raccolto,
di riscontrarsi fuggitivo e vago
né in leggiadro soffría né in turpe volto:*

*ché la illibata, la candida imago
turbare egli teme a pinta nel seno,
come all'aure si turba onda di lago.*

*E quel di non aver goduto appieno
pentimento, che l'anima ci grava,
e il piacer che passò cangia in veleno,
per li fuggiti dí mi stimolava
tuttora il sen: che la vergogna il duro
suo morso in questo cor già non oprava.*

*Al cielo, a voi, gentili anime, io giuro
che voglia non m'entrò bassa nel petto,
ch'arsi di foco intaminato e puro.*

*Vive quel foco ancor, vive l'affetto,
spira nel pensier mio la bella imago,
da cui, se non celeste, altro diletto
 giammai non ebbi, e sol di lei m'appago.*

O Pardal Solitário

Desde o cimo da torre antiga,
Um pardal solitário, no campo
Vai cantando até que não morra o dia.
E a harmonia erra por este vale.
Ao redor, a primavera irradia,
Brilha no ar, e pelos campos exulta,
Pois que ao mirá-la, o coração se entenece.
Ouvem-se as ovelhas berrar, as vacas mugir;
Os demais pássaros contentes, na disputa
Pelo mesmo céu fazem uma e outra reviravolta
Assim festejando o que melhor o dia oferece.
Tu, pensativo, apartado, o todo vê à volta;
Sem companhia, não voas,
Não cuidas da alegria, evitas o gozo,
Cantas, e assim transpões airoso
Do ano e de tua vida as mais belas flores.
Ai de mim, quanto se assemelha
O teu costume ao meu! Prazeres e riso
Da primeira idade doce família,
E vós, irmãos da juventude, os amores,
Suspiros acerbos de proventos dias,
Não cuido, não sei como; antes,
Deles fujo para longe,
Quase eremita ou monge,
E estranho ao meu lugar nascido
Passo o meu viver na primavera.
Este dia que agora a noite gera
Costuma ser festejado em nosso burgo.
Ouves no sereno um som de sinos que se atina,
Ouves com frequência o troar de férreos fuzis
Que ao longe ribombam de vila em vila.
Toda vestida para a festa,
A juventude do local
Deixa as casas e pelas ruas se espalha,
Vê e é vista, e em cores se alegra.
Eu, solitário nesta
Remota parte do campo, saio;
Todo prazer e jogo
Deixo passar a outro tempo. E, no entanto
O olhar estendido ao ar doce

Fere-me o sol que, entre montes longínquos,
Após um dia sereno,
Cai e desaparece, e parece dizer
Que a ditosa juventude está findando.
Tu, solitário passarinho, vindo ao ocaso
Do viver que te darão as estrelas
Certo de teu costume,
Não lamentarás; que da natureza é fruto
Todo o teu desejo.
Quanto a mim, se da velhice
O detestado umbral
Não suplico evitar,
Quando mudos estes olhos a outro coração
E vazio o mundo lhes seja, e o dia futuro
Mais tedioso que o dia presente a passar,
Que parecerá tal desejo?
E estes anos meus, e de mim mesmo?
Ah, me arrependerei, e com frequência,
Mas desconsolado, ao passado terei de voltar.

II PASSERO SOLITARIO

*D'in su la vetta della torre antica,
Passero solitario, alla campagna
Cantando vai finché non more il giorno;
Ed erra l'armonia per questa valle.
Primavera dintorno
Brilla nell'aria, e per li campi esulta,
Sì ch'a mirarla intenerisce il core.
Odi greggi belar, muggire armenti;
Gli altri augelli contenti, a gara insieme
Per lo libero ciel fan mille giri,
Pur festeggiando il lor tempo migliore:
Tu pensoso in disparte il tutto miri;
Non compagni, non voli,
Non ti cal d'allegria, schivi gli spassi;
Canti, e così trapassi
Dell'anno e di tua vita il più bel fiore.
Oimè, quanto somiglia
Al tuo costume il mio! Sollazzo e riso,
Della novella età dolce famiglia,
E te german di giovinezza, amore,
Sospiro acerbo de' provetti giorni,
Non curo, io non so come; anzi da loro
Quasi fuggo lontano;
Quasi romito, e strano. Al mio loco natio,
Passo del viver mio la primavera.*

Questo giorno ch'omai cede alla sera,
Festeggiar si costuma al nostro borgo.
Odi per lo sereno un suon di squilla,
Odi spesso un tonar di ferree canne,
Che rimbomba lontan di villa in villa.
Tutta vestita a festa
La gioventù del loco
Lascia le case, e per le vie si spande;
E mira ed è mirata, e in cor s'allegra.
Io solitario in questa
Rimota parte alla campagna uscendo,
Ogni diletto e gioco
Indugio in altro tempo: e intanto il guardo
Steso nell'aria aprica
Mi fere il Sol che tra lontani monti,
Dopo il giorno sereno,
Cadendo si dilegua, e par che dica
Che la beata gioventù vien meno.
Tu, solingo augellin, venuto a sera
Del viver che daranno a te le stelle,
Certo del tuo costume
Non ti dorrai; che di natura è frutto
Ogni vostra vaghezza.
A me, se di vecchiezza
La detestata soglia
Evitar non impetro,
Quando muti questi occhi all'altrui core,
E lor fia vòto il mondo, e il dì futuro
Del dì presente più noioso e tetro,
Che parrà di tal voglia?
Che di quest'anni miei? che di me stesso?
Ahi pentirommi, e spesso,
Ma sconsolato, volgerommi indietro.

O Infinito

Sempre caro me foi este monte ermo
E esta sebe, que de tanta parte
Do último horizonte o olhar exclui.
Mas ao sentar-me e mirar intermináveis
Espaços para além dela, e sobre-humanos
Silêncios e profundíssima quietude,
Eu, em pensamento, me imagino e, por pouco,
O coração não se apavora. E como vento fosse,
Ouço farfalhar entre as plantas aquele
Infinito silêncio e a esta voz
Vou comparando; e me sobrevém o eterno,
As estações mortas e a presente,
Viva e seu sonido. Assim, nessas
Vastidões imerge o meu pensamento:
E o naufragar é doce nesses mares.

L'INFINITO

*Sempre caro mi fu quest'ermo colle
E questa siepe, che da tanta parte
Dell'ultimo orizzonte il guardo esclude
Ma sedendo e mirando, interminati
Spazi di là da quella, e sovraumani
Silenzi, e profondissima quiete
Io nel pensier mi fingo; ove per poco
Il cor non si spaura. E come il vento
Odo stormir tra queste piante, io quello
Infinito silenzio a questa voce
Vo comparando: e mi sovvien l'eterno,
E le morte stagioni, e la presente
E viva, e il suon di lei. Così tra questa
Immensità si annega il pensier mio:
E il naufragar m'è dolce in questo mare.*

A Sílvia

Sílvia, relembras ainda
Aquele tempo de tua vida mortal,
Quando a beleza esplendia
Em teus olhos ridentes e fugitivos,
E tu, alegre e pensativa, os limiares
Da juventude atravessavas?

Soavam as quietas
Estâncias⁴ e a vida ao redor
Ao teu perpétuo canto,
Enquanto nas obras feminis atenta,
Sentavas, assaz contenta,
Com aquele vago futuro no qual pensavas.

Era o maio oloroso: e tu costumavas
Assim levar os dias.
Eu, os estudos louváveis
Então deixando e os fólhos que lia
Que em minha primeira idade
A melhor parte consumia,
Dos balcões da paterna mansão
Punha-me atento ao som de tua voz
E à mão veloz
Que percorria a fatigante tela.
Olhava o céu sereno,
As ruas douradas e as hortas,
Aqui o mar distante e ali o monte.
Língua mortal não diz
Aquilo que no peito sentia.

Que pensamentos suaves,
Que expectativas, ó Sílvia minha, que ardores,
Como então nos pareciam favores
A vida humana e o fado!
Quando me sobrevém tanta esperança,
Um afeto me oprime e avança,
Acerbo e desconsolado,
E torna-me a doer a desventura.
Ó natureza, ó natura,

⁴ Estrofes de uma canção.

Por que não cumpres, pois
O que prometestes então? Por que
Aos teus filhos tantos enganar depois?
Tu, antes que a erva secasse com o inverno,
De oculto morbo, combatida e vencida,
Pereceste, ó tenra menina. E não viste
As flores dos anos teus.
Não te enganavas o adulator,
O doce elogio dos cabelos negros
Ou dos olhares enamorados e esquivos,
Nem contigo as amigas, nos dias festivos,
Conversavam de amor.
Dentro em pouco também morria
A doce esperança minha: aos meus anos
Também negaram os fados
A juventude. Ah, como passaste,
Cara companheira de minha primeira idade,
Lacrimosa esperança!
Isto é o mundo? São estes
Os prazeres, o amor, as obras, os acontecimentos
Sobre as quais tanto pensamos?
Esta é a sorte da humana gente?
Com o surgir da verdade,
Tu, mísera, caíste; e, com a mão,
A fria morte e uma tumba nua
De longe mostraste então.

A Silvia

*Silvia, rimembri ancora
Quel tempo della tua vita mortale,
Quando beltà splendea
Negli occhi tuoi ridenti e fuggitivi,
E tu, lieta e pensosa, il limitare
Di gioventù salivi?*

*Sonavan le quiete
Stanze, e le vie dintorno,
Al tuo perpetuo canto,
Allor che all'opre femminili intenta
Sedevi, assai contenta
Di quel vago avvenir che in mente avevi.*

*Era il maggio odoroso: e tu solevi
Così menare il giorno. Io gli studi leggiadri
Talor lasciando e le sudate carte,
Ove il tempo mio primo
E di me si spendea la miglior parte,
D'in su i veroni del paterno ostello
Porgea gli orecchi al suon della tua voce,
Ed alla man veloce
Che percorrea la faticosa tela.
Mirava il ciel sereno,
Le vie dorate e gli orti,
E quinci il mar da lungi, e quindi il monte.
Lingua mortal non disse
Quel ch'io sentiva in seno.*

*Che pensieri soavi,
Che speranze, che cori, o Silvia mia!
Quale allor ci apparìa
La vita umana e il fato!
Quando sovviemmi di cotanta speme,
Un affetto mi preme
Acerbo e sconcolato,
E tornami a doler di mia sventura.
O natura, o natura,
Perché non rendi poi
Quel che prometti allor? perché di tanto
Inganni i figli tuoi?*

*Tu pria che l'erbe inaridisse il verno,
Da chiuso morbo combattuta e vinta,
Perivi, o tenerella. E non vedevi
Il fior degli anni tuoi;
Non ti molceva il core
La dolce lode or delle negre chiome,
Or degli sguardi innamorati e schivi;
Né teco le compagne ai dì festivi
Ragionavan d'amore.*

*Anche peria fra poco
La speranza mia dolce:agli anni miei
Anche negaro i fati
La giovinezza. Ahi come,
Come passata sei,
Cara compagna dell'età mia nova,
Mia lacrimata speme!
Questo è quel mondo? Questi
I diletti, l'amor, l'opre, gli eventi
Onde cotanto ragionammo insieme?
Questa la sorte dell'umane genti?
All'apparir del vero
Tu, misera, cadesti: e con la mano
La fredda morte ed una tomba ignuda
Mostravi di lontano.*

Canto noturno de um pastor errante da Ásia

Que fazes tu, lua, no céu? Diz-me, por que saís,
silenciosa lua?
Surges à tarde e vais
Contemplando o deserto; logo te depões.
Ainda não sabes a recompensa
De percorrer as sempiternas vias?
Ainda não te cansastes, ainda desejas
Olhar estes vales e pradarias?
Semelha à tua vida
A vida do pastor.
Aparece no primo alvor,
Move o rebanho pelo campo, e vê
Rebanhos, fontes e ervas;
Depois, cansado, à tarde repousa
E mais nunca ousa.
Diz-me, ó lua, de que vale afinal
Ao pastor a sua vida?
E tua vida a ti? Diz-me, para que tende
Neste meu breve vagar
O teu curso imortal?

Envelhecido, branco, enfermo,
Meio vestido e descalço,
Com pesado feixe sobre os ombros,
Por montanhas e vales,
Por pedras agudas, areias altas e combros,
ao vento, tempestade e quando chamas houver.
Agora, e quando depois gela,
Corre adiante, corre, anela
Atravessa torrentes e charcos,
Decai, ressurge e mais e mais se apressa,
Sem pouso ou restauro
Lacerado, sanguinoso; chega, enfim,
Acolá, onde o caminho
E onde tanto afadigar se foi:
Abismo hórrido, imenso,
e onde se precipitando, tudo se oblida.
Virgínia lua, tal
É a vida mortal.

Nasce o homem da fadiga
E é risco de morte o nascimento.
Prova, pena e tormento
Como coisa em seu próprio princípio,
A mãe e o genitor
Consolam o ser de haver nascido.
Depois que crescido está
A um e outro sustenta; e sempre assim
Com atos e com palavras,
Pondera fazer-se o cerne
E consolador do estado humano;
Outro ofício mais grato
não fazem os pais à sua prole.
Mas por que dar ao sol,
Por que sustentar em vida
Quem consolar assim convenha?
Se a vida é desventura,
Por que para nós dura?
Intacta lua, tal
É o estado mortal.
Mas tu mortal não és,
E talvez o meu dizer pouco seja original.

Mesmo sozinha, eterna, peregrina,
Pois pensativa que és, talvez entendas
Este viver terreno,
O nosso padecer e suspirar que seja;
O que seja este morrer, este supremo
Descolorar do semblante,
E perecer na terra, e vir menos
A qualquer acostumada, amante companhia,
E é certo que tu compreendas
O porque das coisas e vejas o fruto
Da manhã e da tarde,
Do tácito, infinito andar do tempo.
Tu sabes, é certo, de que doce amor
Se ri a primavera,
A quem agrada o ardor de que provê
O inverno com seus gelos.
Coisas mil sabes, e mil descobres
Que estão ocultas ao simples pastor.
Com frequência quando te olho,
Ao estar assim muda sobre o plano deserto,

que em seu longo giro com o céu confina:
Ou com meu rebanho
Seguir-me viajando palmo a palmo;
E quando vejo no céu arder as estrelas,
Digo para mim, pensando:
O que elas tanto fazem?
O que faz o ar infinito, e aquele profundo
Infinito sereno? O que quer dizer esta
Imensa solidão? E eu, o que sou?
Comigo, assim reflito; e do aposento
Desmesurado e soberbo,
e da inumerável família;
Depois de tanto refletir, de tantos movimentos
De cada coisa terrena ou celeste,
Girando sem pouso que arreste
Para sempre retornar de onde se movem,
Uso algum e nenhum fruto
Adivinhar não sei. Mas tu, por certo,
Jovenzinha imortal, conheces tudo.
Isso conheço e sinto:
Que dos eternos giros,
E de meu frágil ser afinal,
Qualquer bem ou contentamento,
Talvez haja para outros: para mim, a vida é mal.

Ó rebanho meu que repousa, tu és beato,
Pois a miséria tua, creio, não sabes!
Quanta inveja te tenho!
Não só porque de lida
Quase liberado vais:
Todo sofrimento, toda ferida
Todo extremo temor logo esqueces:
Mais ainda porque jamais do tédio provas.
Quando te sentas à sombra sobre a erva,
Tu ficas quieto e contente;
E em grande parte do ano
Consumes sem tédio, do mesmo modo.
Também eu sento-me no pasto, à sombra,
E o fastio me assombra.
Na mente, um esporão me punge, ressoante,
Pois que sentando, mais do que nunca distante
De encontrar paz ou refúgio.
E no entanto, por nada anseio

E não tenho qualquer razão de pranto.
Aquilo de que gozas, ou quanto,
Já não sei dizer, mas afortunado és.
E eu pouco ainda me alegre,
Ó rebanho meu, mas isso não lamento.
Se soubesses falar, perguntaria:
Diz-me, por que se deitando
Comodamente, ocioso,
Satisfaz-se todo animal;
Mas se estou em repouso, o tédio é brutal?

Talvez, se eu tivesse asas
Para voar até as nuvens,
E enumerar as estrelas, uma a uma,
Ou, como o trovão, errar de cimo a cimo,
Mais feliz seria, meu doce rebanho,
Mais feliz seria, cândida lua.
Ou talvez engane-se de verdade,
Mirando a sorte dos demais, o meu pensamento:
Talvez sob qualquer forma seja igual
Ou mesmo de lugar, dentro de covil ou de berço,
É funesto a quem nasce o seu dia de natal.

Canto Notturmo di um Pastore Errante dell'Asia

*Che fai tu, luna, in ciel? dimmi, che fai,
Silenziosa luna?
Sorgi la sera, e vai,
Contemplando i deserti; indi ti posi.
Ancor non sei tu paga
Di riandare i sempiterni calli?
Ancor non prendi a schivo, ancor sei vaga
Di mirar queste valli?
Somiglia alla tua vita
La vita del pastore.
Sorge in sul primo albore
Move la greggia oltre pel campo, e vede
Greggi, fontane ed erbe;
Poi stanco si riposa in su la sera:
Altro mai non ispera.
Dimmi, o luna: a che vale
Al pastor la sua vita,
La vostra vita a voi? dimmi: ove tende
Questo vagar mio breve,
Il tuo corso immortale?*

Vecchierel bianco, infermo,
Mezzo vestito e scalzo,
Con gravissimo fascio in su le spalle,
Per montagna e per valle,
Per sassi acuti, ed alta rena, e fratte,
Al vento, alla tempesta, e quando avvampa
L'ora, e quando poi gela,
Corre via, corre, anela,
Varca torrenti e stagni,
Cade, risorge, e più e più s'affretta,
Senza posa o ristoro,
Lacero, sanguinoso; infin ch'arriva
Colà dove la via
E dove il tanto affaticar fu volto:
Abisso orrido, immenso,
Ov'ei precipitando, il tutto obblia.
Vergine luna, tale
E' la vita mortale.

Nasce l'uomo a fatica,
Ed è rischio di morte il nascimento.
Prova pena e tormento
Per prima cosa; e in sul principio stesso
La madre e il genitore
Il prende a consolar dell'esser nato.
Poi che crescendo viene,
L'uno e l'altro il sostiene, e via pur sempre
Con atti e con parole
Studiasi fargli core,
E consolarlo dell'umano stato:
Altro ufficio più grato
Non si fa da parenti alla lor prole.
Ma perchè dare al sole,
Perchè reggere in vita
Chi poi di quella consolar convenga?
Se la vita è sventura,
Perchè da noi si dura?
Intatta luna, tale
E' lo stato mortale.
Ma tu mortal non sei,
E forse del mio dir poco ti cale.

Pur tu, solinga, eterna peregrina,
Che sì pensosa sei, tu forse intendi,
Questo viver terreno,
Il patir nostro, il sospirar, che sia;
Che sia questo morir, questo supremo
Scolorar del sembiante,
E perir dalla terra, e venir meno
Ad ogni usata, amante compagnia.
E tu certo comprendi
Il perchè delle cose, e vedi il frutto
Del mattin, della sera,
Del tacito, infinito andar del tempo.

*Tu sai, tu certo, a qual suo dolce amore
Rida la primavera,
A chi giovi l'ardore, e che procacci
Il verno co' suoi ghiacci.
Mille cose sai tu, mille discopri,
Che son celate al semplice pastore.
Spesso quand'io ti miro
Star così muta in sul deserto piano,
Che, in suo giro lontano, al ciel confina;
Ovver con la mia greggia
Seguirmi viaggiando a mano a mano;
E quando miro in cielo arder le stelle;
Dico fra me pensando:
A che tante facelle?
Che fa l'aria infinita, e quel profondo
Infinito Seren? che vuol dir questa
Solitudine immensa? ed io che sono?
Così meco ragiono: e della stanza
Smisurata e superba,
E dell'innumerabile famiglia;
Poi di tanto adoprare, di tanti moti
D'ogni celeste, ogni terrena cosa,
Girando senza posa,
Per tornar sempre là donde son mosse;
Uso alcuno, alcun frutto
Indovinar non so. Ma tu per certo,
Giovinetta immortal, conosci il tutto.
Questo io conosco e sento,
Che degli eterni giri,
Che dell'esser mio frale,
Qualche bene o contento
Avrà fors'altri; a me la vita è male.*

*O greggia mia che posi, oh te beata,
Che la miseria tua, credo, non sai!
Quanta invidia ti porto!
Non sol perchè d'affanno
Quasi libera vai;
Ch'ogni stento, ogni danno,
Ogni estremo timor subito scordi;
Ma più perchè giammai tedio non provi.
Quando tu siedi all'ombra, sovra l'erbe,
Tu se' queta e contenta;
E gran parte dell'anno
Senza noia consumi in quello stato.
Ed io pur seggo sovra l'erbe, all'ombra,
E un fastidio m'ingombra
La mente, ed uno spron quasi mi punge
Sì che, sedendo, più che mai son lunge
Da trovar pace o loco.
E pur nulla non bramo,
E non ho fino a qui cagion di pianto.
Quel che tu goda o quanto,
Non so già dir; ma fortunata sei.
Ed io godo ancor poco,*

*O greggia mia, nè di ciò sol mi lagno.
Se tu parlar sapessi, io chiederei:
Dimmi: perchè giacendo
A bell'agio, ozioso,
S'appaga ogni animale;
Me, s'io giaccio in riposo, il tedio assale?*

*Forse s'avess'io l'ale
Da volar su le nubi,
E noverar le stelle ad una ad una,
O come il tuono errar di giogo in giogo,
Più felice sarei, dolce mia greggia,
Più felice sarei, candida luna.
O forse erra dal vero,
Mirando all'altrui sorte, il mio pensiero:
Forse in qual forma, in quale
Stato che sia, dentro covile o cuna,
E' funesto a chi nasce il dì natale.*